

PROCESSAMENTO DE ANÁFORAS INDIRETAS EM SINTAGMAS NOMINAIS DEFINIDOS

INDIRECT ANAPHORA PROCESSING IN DEFINED NOUN PHRASES

Ana Paula Martins **ALVES**¹

Flavianne dos Santos Serrão **ALMADA**²

Resumo: Segundo Schwarz (2000), as anáforas indiretas baseadas em relações semânticas inscritas nos sintagmas nominais definidos encontram-se ancoradas em uma relação meronímias. Assim, a relação semântica parte-todo manifesta-se através da retomada anafórica. Desse modo, instigado pela complexidade na retomada do referente em anáforas indiretas, temos como principal objetivo analisar o custo cognitivo no processamento de anáforas indiretas baseadas em relações semânticas inscritas em sintagmas nominais definidos, realizada por alunos do 9º ano do ensino fundamental falantes do Português Brasileiro. Como objetivos específicos, temos: 1) analisar o custo cognitivo da reativação do referente; e 2) examinar o índice de acerto na reativação do antecedente. Situado no campo de estudo da Psicolinguística Experimental, este trabalho apresenta o estudo piloto de uma investigação maior. Para tanto, nosso estudo piloto contou com a participação de 20 alunos de uma escola pública municipal de Tomé-Açu/Pará, com idade entre 14 e 15 anos. A tarefa experimental consiste na leitura auto monitorada de sentenças que apresentam, em sua estrutura sintática, anáforas diretas e indiretas. Ademais, nosso estudo apresenta duas variáveis independentes, o segmento crítico de retomada anafórica e o tipo de anáfora, bem como, duas variáveis dependentes: o tempo de resposta e o índice de acerto.

Palavras-chave: Anáfora indireta; Relações semânticas; Processamento anafórico.

Abstract: According to Schwarz (2000), the indirect anaphora based on semantic relations inscribed in the defined noun phrases are anchored in a meronymic relation. Thus, the part-whole semantic relation manifests itself through the anaphoric resumption. In this way, instigated by the complexity of the referential retrieval in indirect anaphora, we have as main aim to analyze the cognitive cost in the processing of indirect anaphora based on semantic relations inscribed in definite noun phrases realized by students of the 9th year of primary school who speak Brazilian Portuguese. As a specific purposes, we have: 1) to analyze the cognitive cost of reactivating the referent; and 2) to examine the index of correct answer in reactivating the antecedent. Situated in the field of study of Experimental Psycholinguistics, this paper presents the pilot study of a larger investigation. Therefore, our pilot study was attended by 20 students from a municipal public school in Tomé-Açu / Pará, aged between 14 and 15 years old. The experimental task consists in the self-paced reading of sentences that present, in their syntactic structure, direct and indirect anaphora. In addition, our study presents two independent variables, the critical segment of anaphoric resumption and the type of anaphora, as well as two dependent variables: response time and index of correct answer.

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, com estágio doutoral na Universidade Aberta da Catalunha e Universidade de Barcelona. Professora assistente e coordenadora do Curso de Letras/Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural da Amazônia, campus Tomé Açu. anamarinalves@gmail.com

² Graduanda em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade Federal Rural da Amazônia. Bolsista do projeto de pesquisa intitulado: Compreensão da estrutura argumental de verbos estativos: evidências do olhar preferencial de crianças falantes do português brasileiro em processo de aquisição da linguagem. flavianne.serrao@gmail.com
CLARABOIA, Jacarezinho/PR, v.10, p. 173-182, jul./dez, 2018. ISSN: 2357-9234.

Keywords: Indirect anaphora; Semantic relations; Anaphoric processing.

Introdução

A anáfora é uma figura de linguagem que consiste na repetição de determinado termo dentro de uma frase. Anáfora, palavra cujo próprio prefixo “Ana” derivado do Grego denomina repetição. Segundo Moura (2000) uma anáfora se encontra para a semântica dinâmica, no campo da informação discursiva.

Dentro desse universo lingüístico, encontramos a anáfora indireta. A anáfora indireta é um caso de referência textual, ou seja, de indução ou ativação de referentes nesse processo que se constitui por questões lexicais. Para que o processamento de uma anáfora indireta ocorra com êxito é necessário à obtenção de alguns conhecimentos extralingüísticos. Esse tipo de anáfora não apresenta retomada anafórica explícita no texto e sim implícitas, desse modo, utiliza-se de inferências. No entanto, depende do que está escrito no texto, pois está ancorada nas informações presentes. Ao contrário do que imaginamos, as anáforas indiretas são mais frequentes que as diretas.

Nesse artigo, trabalhamos em específico com anáforas indiretas baseadas em relações semânticas inscritas nos sintagmas nominais definidos.

O trabalho está organizado em quatro partes. Na primeira parte, apresentamos os principais pressupostos teóricos a respeito da anáfora, anáfora indireta e a anáforas indiretas baseadas em relações semânticas inscritas nos sintagmas nominais definidos. Na segunda parte, apresentaremos nossa metodologia. Na terceira parte, nosso intento analisa os resultados do experimento, o índice de acerto na retomada anafórica e tempo de custo do processamento anafórico. Na quarta e última parte, tecemos nossas considerações finais a respeito desse estudo.

O que são anáforas?

De acordo Moraes (2011), as anáforas denominam-se estratégias de referenciação, e, mais recentemente, estratégias de progressão referencial, isto é, os procedimentos responsáveis por introduzir e manter a referência em determinado texto, seja ele oral ou escrito.

Segundo Marcuschi (2005), no período em que se estudava a abordagem clássica da anáfora, anos 1970, esta estratégia de progressão referencial era entendida como sinônimo de uma simples retomada de um referente anteriormente explícito no texto. Um dos tipos de anáfora mais comuns era a anáfora por repetição, normalmente representada por pronomes pessoais do caso reto e do caso oblíquo, que consistia em nada mais que uma simples retomada

CLARABOIA, Jacarezinho/PR, v.10, p. 173-182, jul./dez, 2018. ISSN: 2357-9234.

de um referente anteriormente ativado e, portanto, já explícito. A anáfora é, então, compreendida, na abordagem clássica, como um processo de reativação de referentes prévios. Esta estratégia de progressão referencial estabelece, além disso, uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente. A anáfora direta atua, portanto, como uma espécie de substituto do elemento retomado.

A anáfora faz parte dos mecanismos que permitem aos falantes manter o controle sobre o que já foi enunciado, num dado discurso, através dos itens de conversação, ou seja, objetos e indivíduos.

Todavia, na anáfora indireta o pronome, como elemento referencial, não retoma o antecedente explícito. Uma vez que a recuperação do antecedente se dá por meio da inferência. Vejamos o exemplo (1):

(1) Comprei uma *jaqueta* muito cara, pelo menos sei que o *couro* é de qualidade.

Acima temos um caso de meronímia parte-todo, onde o couro é parte da jaqueta. Desse modo a retomada anafórica acontecerá por meio desses sintagmas nominais. No entanto, depende do conhecimento de mundo para que retomada aconteça.

Segundo Marcuschi (2001), uma inferência é feita através de uma atividade mental do leitor, dependendo então do conhecimento de mundo, pois as informações não estão explícitas no texto. No entanto encontram-se ancorados nessas informações fornecidas. A inferência é necessária para qualquer tipo de compreensão de anáforas, e em particular na compreensão da Anáfora indireta. As referências textuais são construídas no processo discursivo e muitos referentes são objetos de discursos construídos no modelo textual.

A anáfora indireta, por sua vez, segundo Marcuschi (2005), é geralmente constituída por expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes que são interpretados referencialmente sem um antecedente explícito no texto, ou seja, a anáfora indireta é uma estratégia de progressão referencial implícita.

No entanto, Schwarz (2007) apresenta a anáfora indireta não baseada em correferencialidade, mas em outras ligações semânticas ou em outras relações conceituais, tendo em vista que envolve muito mais que um simples procedimento de emparelhamento, necessitando para sua total interpretação um processo de conhecimento em que atividades das estruturas da cognição são envolvidas. Como já mencionado, a anáfora indireta mais que qualquer outro tipo, depende do conhecimento de mundo, pois as informações não estão explícitas no texto, porém, encontram-se ancorados nessas informações fornecidas.

Marcuschi (2005) apresenta os seguintes termos para que seja possível a compreensão de anáforas indiretas: *A Linguística* é a ciência dos signos verbais. *A Pragmática* estuda as relações entre os signos e a sociedade. *A Semântica*, as relações entre os signos e seus referentes.

Sendo assim, anáforas indiretas baseadas em relações semânticas inscritas nos sintagmas nominais definidos encontram-se ancoradas em uma relação com meronímeas, ou seja, relação entre parte e todo e nos campos lexicais.

Segundo Marcuschi (2005), quando falamos desse tipo de anáfora supracitada, pode-se lembrar, particularmente, das relações meronímicas. A descrição de meronímia tem relação de parte-todo com sua âncora textual. É uma parte de algo que já foi mencionado no texto. Dividem-se por sua vez em dois grupos: parte integrante, nesse caso a descrição definida é uma parte integrante de um sintagma nominal já mencionado no texto. E material, já nesse caso, a descrição definida representa o material de que a entidade representada por sua âncora textual é constituída. Vejamos os exemplos a seguir:

(2) Não compre a *xícara amarela*. O *cabo* está quebrado. [parte integrante]
(MARCUSCH, 2001, p. 10)

(3) Compre a *panela cinza*. O *aço* dura muito mais. [material]
(MARCUSCH, 2001, p. 10)

As expressões “o cabo e o aço” ativam um referente novo e, ao ancorar num universo textual precedente, de certo modo também reativa “xícara amarela e panela cinza”. Assim, podemos dizer que a anáfora indireta baseada em relações semânticas inscritas nos sintagmas nominais definidos é uma espécie de ação remática e temática simultaneamente na medida em que traz a informação nova e a velha. No exemplo (2), cabo será parte integrante de xícara amarela, e através desses sintagmas nominais definidos é possível obter uma relação de semântica e por sua vez, dependendo do conhecimento de mundo do leitor, realizar a retomada anafórica. No exemplo (3) observa-se um caso de material, onde aço é material que constitui o objeto panela, percorrendo os mesmos caminhos supracitados para obtenção da retomada anafórica.

A linguística é bastante complexa, por tanto a psicolinguística não seria diferente. Com um mundo a ser explorado, coisas simples de nosso cotidiano tornam-se um universo de descobertas.

Metodologia Experimental

Esta pesquisa caracteriza-se como do tipo Experimental. Para Gil (2007), a pesquisa experimental consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis que seriam *CLARABOIA, Jacarezinho/PR, v.10, p. 173-182, jul./dez, 2018. ISSN: 2357-9234.*

capazes de influenciá-lo, definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto.

Na pesquisa experimental seguimos algumas etapas: a primeira etapa é a formulação exata do problema e das hipóteses, que delimitarão as variáveis precisas e controladas que atuam no fenômeno que será estudado. A segunda consiste na elaboração de instrumentos para a coleta de dados que deve ser submetida a testes para assegurar sua eficácia em medir aquilo que a pesquisa se propõe a verificar.

No que diz respeito à pesquisa experimental nos estudos psicolinguísticos, segundo Leitão (2015), existem vários processos psicolinguísticos, que acontecem o tempo todo, que são automáticos e inconscientes e ocorrem em milésimos de segundos. Para o estudo desse fenômeno, temos então que usar técnicas experimentais que sejam capazes de medir os processos na mesma velocidade.

Dentre as técnicas experimentais, podemos citar dois tipos, as denominadas on-line e off-line. A técnica on-line é capaz de expor o resultado no momento em que o processamento ocorre, ou seja, não necessita de uma retomada consciente ao objeto que está sendo estudado. O método off-line, por sua vez, mede algo apenas após o processamento ter ocorrido, de modo que, necessita de uma retomada consciente.

Em nossa pesquisa, utilizaremos uma técnica off-line, aquela em que o resultado é dado após o processamento ter ocorrido. O modelo experimental utilizado foi a leitura automonitorada.

A leitura automonitorada consiste em dividir uma sentença por palavras e apresentar ao participante cada segmento por vez. Para pular de um segmento para o seguinte, o participante deve pressionar um botão indicador. Enquanto isso, o computador guarda o tempo necessário para que os participantes leiam cada parte da sentença.

A pesquisa experimental pode ser desenvolvida no laboratório (ambiente artificial) ou no campo (comunidades ou grupos). Nossa pesquisa foi desenvolvida no campo, uma vez que coletamos os dados no ambiente de estudo dos participantes. Nosso estudo contou com a participação de 20 alunos falantes do Português Brasileiro com idade de 14 e 15 anos que cursam o 9º ano do ensino fundamental.

O desenho experimental é formado por 30 frases, sendo 20 experimentais e 10 distratoras. Das 20 frases experimentais, 10 apresentam anáforas indiretas baseadas em relações semânticas inscritas nos sintagmas nominais definidos e 10 apresentam anáforas diretas. As 10 frases não experimentais funcionaram como elementos distratores para que o participante não percebesse o fenômeno que estava sendo testado.

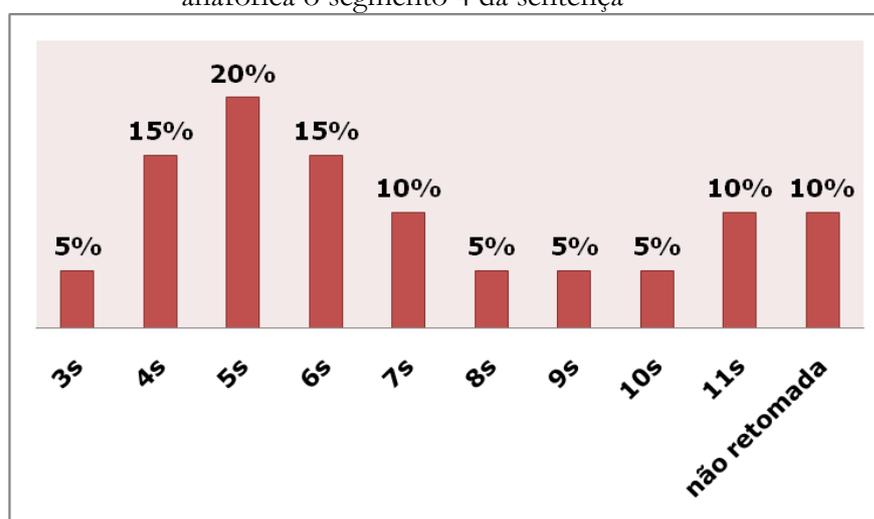
Temos como hipótese básica o pressuposto de que alunos entre 14 e 15 anos do 9º ano do ensino fundamental conseguem identificar uma anáfora indireta. E como hipóteses secundárias temos: a) o custo cognitivo da reativação do referente será de aproximadamente 5 segundos, e b) todos os alunos do 9º do ensino fundamental irão acertar a correspondência na resposta de reativação do antecedente.

Como variáveis independentes temos: a) o segmento crítico de retomada na anáfora indireta: 5 frases no segmento 4 e 5 frases no segmento 6; b) Segmento crítico na anáfora direta: 5 frases no segmento 4 e 5 frases no segmento 6; e c) tipo de anáfora: direta e indireta. E como variáveis dependentes temos: a) o tempo de resposta; e b) índice de acerto.

Análise e discussão dos dados

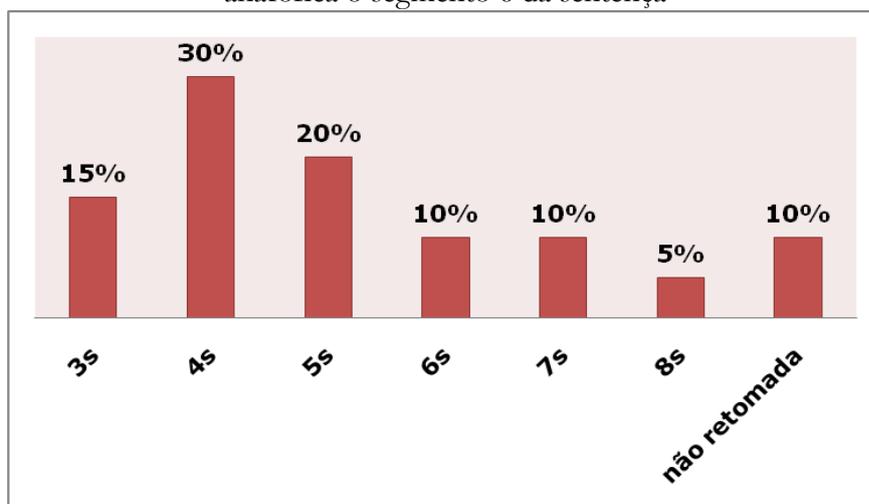
Nesta seção, apresentamos os resultados das frases experimentais de anáforas indiretas baseadas em relações semânticas inscritas nos sintagmas nominais definidos.

Gráfico 1: Frase 1 de anáfora indireta, tendo como segmento crítico de retomada anafórica o segmento 4 da sentença



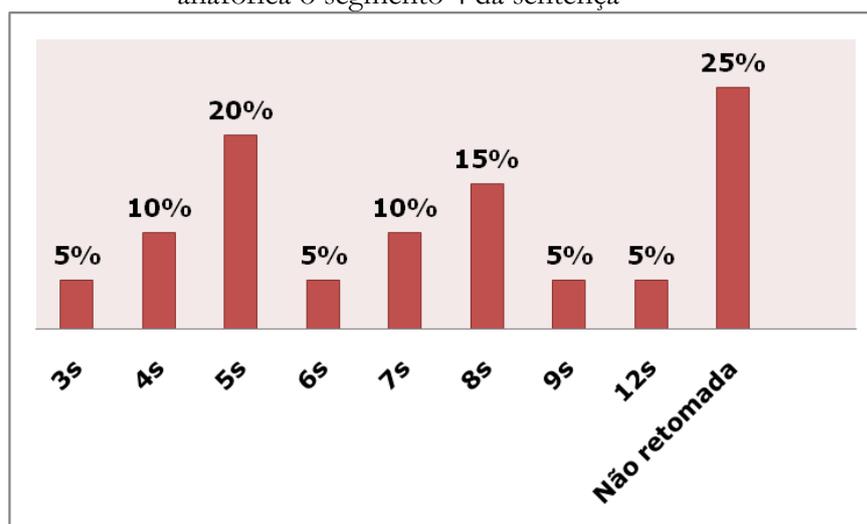
Na frase que corresponde ao gráfico 1, “Mateus/ caiu/ da moto. / O retrovisor/ ficou/ acabado”, temos um exemplo de parte integrante, onde o retrovisor faz referência ao referenciar moto. Nesta, o segmento crítico de retomada anafórica é o segmento 4. Esta foi a primeira frase do experimento, porém, vale ressaltar que tivemos frases testes antes. De imediato, 10% dos alunos não conseguiram retomar o referente e apenas 40% conseguiram o tempo de custo até 5 segundos.

Gráfico 2: Frase 8 de anáfora indireta, tendo como segmento crítico de retomada anafórica o segmento 6 da sentença



Na frase do gráfico 2, “O **prédio**/ tem/ 10/ andares./ É confortável/ o **elevador**”, temos um exemplo de parte integrante. Nesse exemplo, o referenciador está mais longe do referente, se compararmos com a frase do gráfico 1. No entanto, ao analisarmos os resultados, veremos que o tempo de custo de processamento anafórico é menos custoso na frase com segmento crítico 6. Apenas 10% dos alunos não conseguiram retomar o referente, ao passo que 65% dos participantes apresentaram uma resposta em até 5 segundos.

Gráfico 3: Frase 5 de anáfora indireta, tendo como segmento crítico de retomada anafórica o segmento 4 da sentença



O gráfico 3, por sua vez, apresenta os resultados da frase experimental “Maria/ machucou/ o **rosto**./ O **queixo**/ estava/ sangrando”. Nesse exemplo, temos novamente um caso de parte integrante e, assim como na frase do gráfico 1, o referenciador encontra-se ao lado

CLARABOIA, Jacarezinho/PR, v.10, p. 173-182, jul./dez, 2018. ISSN: 2357-9234.

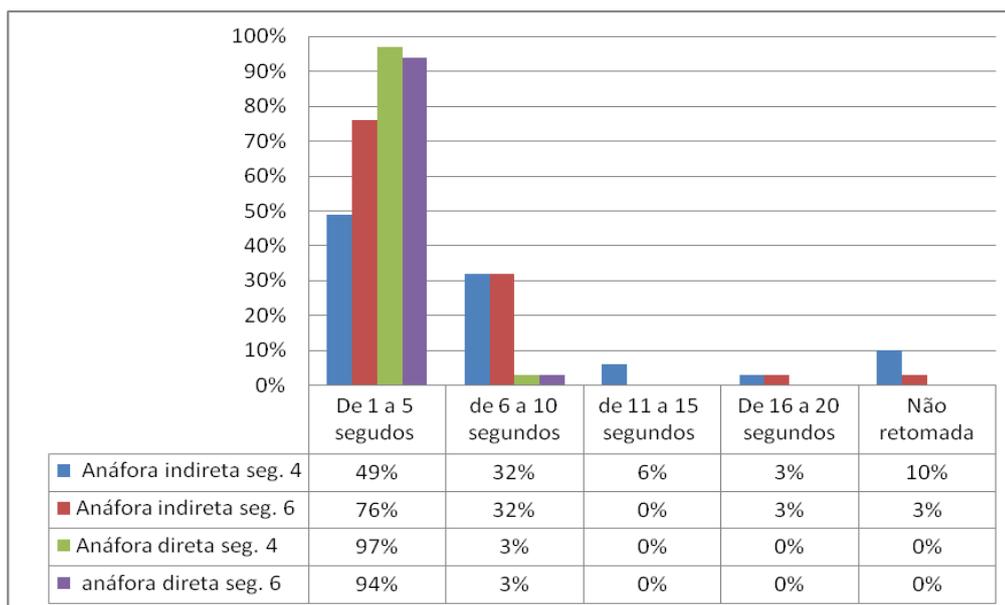
de referente. Essa sentença obteve recorde de falha na retomada anafórica. Vários participantes, quando instigados a responder o porquê de o queixo de Maria estava sangrando, responderam que “ela tinha caído”.

Para esse resultado, percebemos uma influência do fator extralinguístico de *pressuposição*, pois o fato de o rosto da Maria estar sangrando foi associado ao suposto fato de uma queda da Maria. Com isso, 25% dos participantes não conseguiram retomar o referente, ou seja, *o rosto* da Maria. Ao passo que 35% apresentaram uma resposta com o tempo de processamento médio de até 5 segundos.

Resultado geral do experimento

O gráfico a seguir apresenta o resultado geral das quatro condições experimentais.

Gráfico 4: Resultado geral



Com base nos dados obtidos em nossa pesquisa, foi possível observar que, de maneira geral, a anáfora indireta obteve um maior tempo na retomada do referente em comparação a anáfora direta. Todavia, ao compararmos os seguimentos críticos da anáfora indireta, notamos que o custo cognitivo do processamento e a reativação do referente no segmento crítico 6 foi menor que no segmento crítico 4.

Esse resultado sugere que, em anáforas indiretas baseadas em relações semânticas inscritas nos sintagmas nominais definidos, a distância entre o referente e o referenciador é um fator relevante para a retomada referencial. Destacamos, contudo, que é necessário refinar o CLARABOIA, Jacarezinho/PR, v.10, p. 173-182, jul./dez, 2018. ISSN: 2357-9234.

experimento e testar em um número maior de participantes para que possamos ter uma resposta mais fidedigna a realidade de processamento anafórico de anáforas indiretas.

No que diz respeito à anáfora direta, se compararmos os segmentos críticos analisados, perceberemos que não há diferença significativa nos resultados. Desse modo, os resultados sugerem que o processamento de anáforas diretas, independente do segmento crítico, é menos custoso.

Destarte, nosso resultado sugere que o custo cognitivo no processamento de anáforas diretas é, consideravelmente, menor em relação à anáfora indireta. Assim, podemos afirmar que o que parece ser algo de fácil compreensão para os adultos, ainda é algo custoso para os adolescentes.

Considerações finais

Nesse trabalho, como hipótese secundária, supomos que o custo cognitivo da reativação do referente seria de aproximadamente 5 segundos. No entanto, os dados sugerem que esse tipo de retomada ainda é algo custoso para parte dos adolescentes de 14 e 15 anos, uma vez que apenas 76% dos participantes da pesquisa alcançou o tempo de resposta de 1 a 5 segundos.

Semelhantemente, com hipótese secundária, acreditávamos que todos os alunos do 9º do ensino fundamental iriam acertar a reativação do antecedente. Todavia, 13% dos alunos não conseguiram realizar a retomada do referente.

Como hipótese básica, supomos que alunos entre 14 e 15 anos do 9º ano do ensino fundamental conseguiriam identificar uma anáfora indireta. Destarte, a hipótese foi confirmada. Apesar de ser um tipo de anáfora que exige um maior tempo de processamento, 87% dos participantes obtiveram êxito no experimento.

Conclui-se, portanto, que, para adolescente de 14 e 15 anos, a anáfora indireta exige um custo cognitivo maior que a anáfora direta. Ademais, se pensarmos nesses resultados em milésimos de segundos, chegaremos à conclusão de que o processamento anáforas é algo difícil para adolescentes dessa idade. Todavia, ratificamos a necessidade de experimentos mais aprofundados sobre o tema para este público específico, com técnicas mais acuradas, e uma população maior de observação.

Referências

- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
LEITÃO, Márcio Martins. *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015.

- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore et al. *Referencição e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras*. Editora da UFPR, Revista Letras, Curitiba, n. 56, p. 217-258. jul./dez. 2001.
- MORAES, Rachel Maria Campos Menezes. *Da anáfora à 'anáfora indireta': Correferencialidade e inferência*. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEEFiL, 2011.
- MOURA, Heronides M. M.. *Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. Florianópolis: Insular, 2000.
- SCHWARZ-FRIESEL, Monika. Indirect anaphora in text. In: SCHWARZ-FRIESEL, Monika; CONSTEN, Manfred; KNESS, Mareile. *Anaphors in text: cognitive, formal and applied approaches to anaphoric reference*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

Chegou em: 31-01-2018

Aceito em: 02-05-2018